

21. Decidimos sair de Belém e voltar para nossa aldeia

Anderson Santos Martins

Sou Anderson Santos Martins, indígena Karipuna, moro em Belém do Pará, onde curso Direito na Universidade Federal do Pará. Entrei através das Políticas de Ações Afirmativas, das quais me orgulho muito, pois sei o quanto é importante estarmos dentro dos espaços de debate nas Universidades.

Tudo estava bem até alguns meses atrás. Minha faculdade estava funcionando normalmente, meus planos de terminar no tempo previsto e os demais assuntos comuns da vida de um jovem sonhador. Comecei a ver os assuntos mudarem do dia para a noite, quando o mundo ficou com os olhos para a China, não se sabia ao certo o que estava acontecendo, nos telejornais não existia outro assunto, aos poucos, pessoas começaram a morrer naquele país, medidas de distanciamento social foram sendo adotadas, faltavam alimentos em alguns supermercados chineses e, com rapidez, a doença se propagou de tal maneira que nem mesmo o país com a maior economia mundial (Estados Unidos) conseguiu evitar a chegada do novo coronavírus.

Pronúncias de autoridades eram diários, foi quando o primeiro paciente testou positivo para a COVID-19 no Brasil. Foi desesperador para a população, todavia, o pior estava por vir. Nossas autoridades sanitárias começaram a articular planos, fazendo os papéis que lhes são conferidos, e o vírus se espalhando em todo o território brasileiro, mortes aumentando, números de casos crescendo diariamente e o medo tomou conta do povo.

Nesse momento estava na cidade de Belém com minha família, já não sabia o que fazer, as UPA's (Unidades de Pronto Atendimento) estavam com corpos empilhados, pessoas morrendo dentro dos veículos, lamentações de famílias com a dor de não poder, nem sequer, retirar o corpo de dentro de suas residências. Tivemos de ser fortes para ver e viver tudo isso!

Comecei a pensar em sair de Belém, já não aguentava tanta notícia negativa, queria proteger minha família. Compramos nossas passagens e viemos para o Amapá com o intuito de ir para a aldeia. Contudo, nossas comunidades estavam em estado de controle total de pessoas, impondo algumas medidas que não poderiam ser violadas. Permanecemos em

Oiapoque, sem poder sair para qualquer lugar, e assistimos os casos ficarem fora de controle, mas nada foi pior do que saber que o vírus estava entre os parentes da aldeia.

O medo e o desespero bateram na minha vida pois, naquele momento, me veio a mente as imagens já vividas em Belém, e o medo de que o mesmo pudesse acontecer no Oiapoque. Passamos a orientar os parentes a tomarem remédios caseiros e, logo, uma equipe da Secretaria Especial de Saúde Indígena foi até minha aldeia e realizou alguns testes rápidos, entre eles, o da minha mãe, que testou positivo. O medo, a angústia, o desespero e a preocupação tomaram conta da minha vida naquele momento, não quis falar com ninguém, só queria ficar sozinho. Minha mãe, apesar de estar no grupo de risco como muitos outros parentes na aldeia, superou a COVID-19 e isso gerou em mim um sentimento de felicidade, pois sei que, assim como ela superou esta doença, muitos outros parentes irão superar!

Oiapoque, Amapá, Amazônia, Brasil

10 de junho de 2020